





A arte abraça Brumadinho

A única crise insuportável é aquela que não nos possibilita o encontro com o nosso propósito

POR **MARINA PIMENTA SPÍNOLA CASTRO**
E ADRIANA COUTINHO LAGES SCARPELLI

“Da noite para o dia, perdi 150 amigos. Você já imaginou a sensação de perder, em questão de minutos, uma centena e meia de contatos no seu celular?”. O desabafo é de Josiane Melo, 37 anos, nascida e criada em Brumadinho (MG). Funcionária da Vale há 14 anos, a engenheira civil trabalhava na mina de Córrego do Feijão, local da maior tragédia humana da indústria da mineração no Brasil. Além dos colegas de trabalho, ela também perdeu, na enxurrada de lama do dia 25 de janeiro, a irmã Eliane Melo, grávida da primeira filha, que trabalhava na mineradora há pouco tempo, por indicação da própria Josiane. Sempre juntas, a história das duas só não teve o mesmo desfecho por um capricho do destino: Josiane estava de férias naquela semana,

quando o mar de lama causado pelo rompimento da barragem cobriu casas, destruiu rios e soterrou os sonhos de 272 pessoas.

A avalanche de rejeitos, que colocou o Brasil no foco mundial do debate sobre segurança das barragens de mineração, fica a cerca de 50 quilômetros do Campus principal da Fundação Dom Cabral, em Nova Lima. O alarme, que deveria ter tocado na mina da cidade vizinha, deixou a FDC em estado de alerta. A lama que invadiu casas e destruiu sonhos atingiu uma das crenças fundamentais da instituição, que tem no seu DNA o senso de utilidade social e o compromisso ético com o desenvolvimento da sociedade – a de que os negócios devem ser dignos geradores de desenvolvimento econômico e promotores do bem-estar social.

Não se trata de julgar ou criminalizar atores e agentes produtivos, pois é inegável a relevância da atividade minerária para a economia nacional e, em especial, para Minas Gerais. Segundo dados do Ministério de Minas e Energia, o setor representa 4% do PIB brasileiro, detém 23% das exportações e emprega 180 mil pessoas. Em Minas, a mineração é responsável por 8% do PIB e movimenta a economia de dezenas de cidades – muitas delas também vizinhas ao Campus da FDC, localizado no chamado Quadrilátero Ferrífero, região centro-sul do estado e maior produtora nacional de minério de ferro, responsável por 60% da produção nacional.

DA REFLEXÃO À AÇÃO A tragédia de Brumadinho, ocorrida apenas três anos depois do rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, impôs uma reflexão fundamental. O drama vivido por Josiane e centenas de outras famílias expõe dois polos antagônicos que precisam aprender a coexistir: de um lado, a prosperidade econômica e, do outro, o desenvolvimento e a inclusão social. Como escola de negócios, a FDC tem provocado o exercício dessa reflexão com lideranças de diversos setores e estimulado a busca do equilíbrio entre performance e progresso. A instituição tem promovido debates sobre a necessidade urgente de se repensar os laços entre empresas, governos e sociedade, visando a criação de valor para todas as partes envolvidas.

A tragédia em Brumadinho provocou uma tomada de consciência da FDC sobre o senso de urgência, gerando uma profunda reflexão sobre sua razão de ser e a definição de ações de curto, médio e longo prazo. A instituição busca contribuir para que organizações e líderes da mineração e de outros setores tomem consciência de seu papel de construtores de uma cultura de paz e de legados sociais, ultrapassando os muros de suas organizações e colaborando para sociedades mais prósperas e dignas. Programas e metodologias educacionais estão sendo revistos, ajustados e até mesmo reinventados, para inspirar executivos e gestores públicos a provocarem transformações positivas na sociedade e nos cidadãos.

DOIS POLOS ANTAGÔNICOS PRECISAM APRENDER A COEXISTIR: A PROSPERIDADE ECONÔMICA E O DESENVOLVIMENTO E A INCLUSÃO SOCIAL

No curto prazo, os dramas e as angústias das vítimas de Brumadinho e de seus familiares exigiram da FDC uma demonstração prática de seu compromisso ético com o desenvolvimento social. Iniciou-se uma história de ousadia, transparência e generosidade, motivando provocações e aprendizados que merecem ser compartilhados.

UM CENÁRIO CRÍTICO Logo após o desastre, a instituição percebeu que sua principal contribuição, local e de curto prazo, deveria se dar no campo da educação financeira. O início do processo de reparação financeira, pela empresa responsável pelo rompimento da barragem, causava efeitos colaterais preocupantes. Numa situação inusitada para uma pequena e pacata cidade, o número de pessoas residindo em Brumadinho cresceu rapidamente, com a chegada de familiares à procura dos parentes desaparecidos, voluntários que vinham ajudar os moradores e operários das obras de reconstrução. Em consequência, o trânsito piorou, registrando engarrafamentos nos horários de pico. O aumento da circulação de dinheiro no município também causou transtornos reais e emocionais importantes. O custo de vida ficou mais caro, os preços subiram e cresceram os relatos sobre dificuldades na contratação de mão de obra autônoma, para serviços gerais e auxiliares de construção, por exemplo.

Na definição do tipo e escopo da ação local, a equipe da FDC realizou uma imersão no território para entender a situação, conhecer as realidades

locais e encontrar o sentido de uma ação emergencial. Foi uma aproximação para redirecionar as perguntas e encontrar melhores respostas que orientariam a atuação da instituição. Nessa iniciativa, descobriu um ambiente extremamente traumatizado, fragmentado e torturado pela dor das perdas.

Para se ter uma ideia do cenário crítico em Brumadinho, um mês após o desastre, as crianças viviam nas escolas uma situação semelhante a um campo de guerra. Nas salas de aula ou nos pátios, ouviam e viam helicópteros de resgate sobrevoando a região, carregando sacos pretos com os corpos das pessoas mortas pela lama. A sensação era a pior possível, pois grande parte daquelas crianças e adolescentes tinham perdido parentes, muitos deles ainda desaparecidos. Além disso, o currículo escolar permanecia o mesmo – como uma cidade tomada por toda aquela tragédia iria contar e recontar sua própria história? A partir de quais perspectivas? Como a memória daquele tempo de sofrimento e dor seria construída e preservada?

O ambiente local era – e ainda é – ambivalente e paradoxal em todas as suas nuances. “No comércio local, é como se vivêssemos um clima de 13º salário todos os fins de semana, com as pessoas comemorando o dinheiro extra, promovendo festas e churrascos em casa. Por outro lado, os familiares das vítimas se sentem traídos e desrespeitados quando se deparam com esse ambiente festivo, gerado pelo dinheiro da indenização das mortes de seus entes queridos”, desabafou um morador da cidade, tentando compreender o cenário contraditório que se instalou em Brumadinho.

Um sentimento de insegurança toma conta das pessoas e, em consequência, contamina os ambientes de convívio social. Bairros e comunidades rurais foram ocupados por pessoas e iniciativas de diferentes naturezas e origens. O aumento da presença de forasteiros gerou desconfiança e desconforto. No vilarejo Córrego do Feijão, o crescimento da população flutuante, em razão das obras de reconstrução, e a exposição midiática causada pelo desastre deixaram famílias locais preocupadas com a possibilidade de violência sexual contra crianças e adolescentes.





Dados do sistema local de saúde revelam outra tragédia: o aumento das doenças e distúrbios psicossociais. No primeiro semestre do ano, foram registradas 39 tentativas de suicídio – um aumento de 23% em relação ao mesmo período do ano passado. O número de suicídios, especialmente entre as mulheres, passou de um para três. O uso de antidepressivos entre pacientes da rede pública municipal de saúde registrou aumento de 60% e o consumo de ansiolíticos foi 80% superior em relação ao ano passado.

A equipe da FDC encontrou uma cidade não apenas abalada pela tragédia da lama, mas também tomada pelo luto e pelo sentimento de injustiça e uma forte desconfiança. Os moradores de Brumadinho nunca imaginaram que um desastre de tamanha dimensão pudesse atingi-los. E mais: têm e nutrem a certeza de que foram enganados.

Diante desse território invadido e fragmentado, as intenções da FDC foram fortalecidas. Era urgente e necessário exercitar o propósito e a razão de ser da instituição junto àquela comunidade imersa no sofrimento. Mas, havia a clareza de que o contexto não permitia a implementação de ações e iniciativas formais no campo da educação. Submersa no luto e aprisionada na mais profunda tristeza, a população local pedia ajuda em outra frequência, buscando apoio para acolher a própria dor.

Assim, ao invés de aulas de empreendedorismo e educação financeira, a FDC decidiu utilizar a arte como forma de nutrir a esperança dos moradores, acolhendo sua dor e ajudando as vítimas e as famílias a encontrarem forças para recomeçar. Saindo da zona de conforto, a instituição abraçou a ideia

trazida por um ex-participante de seus programas, que a convidou a integrar uma rede de apoio voluntário a Brumadinho. E, assim, foi dada a largada ao projeto “A Arte Abraça Brumadinho”, que vem realizando ações culturais, na tentativa de oferecer um espaço para elaboração das perdas, reconstrução e integração da cidade.

Idealizado pelo executivo Carlos Netto, ex-participante da FDC, o projeto articula uma aliança de voluntários de todo o Brasil, para a realização de espetáculos musicais, teatro e cinema, como forma de reparação da dor e ressignificação das perdas. Na cidade tomada pelo luto, o projeto busca levar a alegria e a leveza da arte, deslocando as tensões e refazendo os laços de amor e o senso de pertencimento da comunidade ao território.

Cabe destacar que o projeto também vem permitindo à FDC aprender e apreender nesse processo. Um dado fundamental diz respeito à forma como foi concebido e é realizado – sempre “com” a comunidade. Lideranças locais, sociais e religiosas foram prioritárias na definição dos caminhos e tomadas de decisão. Era muito importante que as pessoas da cidade assumissem o protagonismo, pois precisaram e precisam tomar de volta aquele território, refazer seus laços de pertencimento e se reconhecerem como parte do lugar.

PRATICANDO A HUMILDADE Não foi um processo simples, pois era necessário fortalecer o compromisso da FDC com a escuta empática e a transparência. Estava claro que esse era o único caminho para construir uma relação de confiança com as pessoas.



A equipe condutora do processo exercitou a humildade. Em um ambiente tomado pela desconfiança e pelo sentimento de exploração e injustiça, foi fundamental garantir a coerência entre o discurso e a prática. Todos estavam ali dispostos a contribuir para a comunidade, de forma genuína, sem agendas ocultas nem expectativas de um retorno, que não fosse tão somente o bem-estar da comunidade. Isso significou um cuidado atento à associação de marcas empresariais, sendo *low profile* no que se refere à divulgação da iniciativa. Foi um desafio buscar o ponto de equilíbrio entre a mobilização do público e o risco da divulgação inadequada e inoportuna. A premissa era de que a razão de ser do projeto é a comunidade e o foco deve estar nos atores e líderes locais. Um aprendizado de que, tão importante quanto ser generoso, é praticar a humildade.

Quase 12 meses depois da tragédia em Brumadinho, muito já foi visto, avaliado e decidido. E mais ainda será discutido, analisado e julgado. Josiane, a engenheira que perdeu a irmã e mais 150 colegas de trabalho na tragédia, segue na tentativa de encontrar um caminho em meio ao mar de lama daquele 25 de janeiro. Juntamente com outros companheiros de dor, criou a Associação dos Familiares das Vítimas (Avabrum) e está empenhada em elaborar o seu luto. Encontrou força e inspiração na luta coletiva, mobilizando outras vítimas, dando voz à dor das famílias e convocando cada um de nós a fazer a diferença.

O QUE MAIS PRECISA ACONTECER PARA QUE AS EMPRESAS E SEUS LÍDERES DEIXEM MAIS DO QUE RETIRAM DAS COMUNIDADES ONDE OPERAM?

Muitas vezes, a indignação dá espaço à frustração e, neste embate, ela busca sinais de mudança, certa de que a única crise insuportável é aquela que não nos possibilita o encontro com o nosso propósito. E nos lança o desafio: o que mais precisa acontecer para que as empresas e seus líderes deixem mais do que retiram das comunidades onde operam?

Os acontecimentos de Brumadinho conclamam uma ação que faça diferença na construção de uma sociedade em que os negócios deixem legados significativos, positivos e estimuladores para uma vida digna de todos os seus cidadãos.

MARINA SPÍNOLA é Diretora de Relações Corporativas e Internacionalização da Fundação Dom Cabral, responsável pelo projeto “A Arte Abraça Brumadinho”.

ADRIANA COUTINHO LAGES SCARPELLI é Analista de Relações Corporativas da Fundação Dom Cabral e gerente do projeto “A Arte Abraça Brumadinho”.